

.....

O TRATAMENTO DE BERKELEY DO CETICISMO

.....

GEORGE PAPPAS*

[249] O segundo livro de Berkeley, *Princípios do conhecimento humano*, publicado em 1710, não foi particularmente bem recebido. Leitores e críticos pensaram que a obra fornecia apoio para o ceticismo e inclusive que era uma defesa sincera do ceticismo. Dado que Berkeley negou a existência da substância material, ele foi lido como negando a existência dos objetos físicos ordinários. A partir disso é fácil interpretar Berkeley como apoiando o ceticismo: se não há objetos físicos, então é claro que ninguém tem nenhum conhecimento positivo deles, seja de sua existência, seja de sua natureza.¹

Berkeley se sentiu incomodado com essa leitura dos *Princípios* e resolveu deixar as coisas claras em seu terceiro livro, *Três Diálogos entre Hylas e Philonous*, publicado em 1713. Um de seus principais objetivos neste livro era mostrar o quão contrário ele era ao ceticismo, e que nenhuma de suas posições filosóficas profundamente arraigadas o comprometiam com o ceticismo. Ao contrário, Berkeley descreve sua posição como uma posição que defende as opiniões do senso comum. Ele também visa mostrar que algumas doutrinas centrais de seus oponentes filosóficos, a quem ele em geral chama de “materialistas”, na verdade conduzem ao ceticismo, que Berkeley interpreta como evidência contra as doutrinas de seus oponentes; e que a própria filosofia de Berkeley contém os meios para refutar o ceticismo, não meramente para evitá-lo.

* Pappas, George. “Berkeley’s Treatment of Skepticism”. In: Greco, Jonh. *The Oxford Handbook Of Skepticism*. Oxford University Press (2008), pp. 249-264. Tradução provisória (restrita para fins didáticos): Jaimir Conte.

¹ Sobre a interpretação que os leitores deram aos primeiros trabalhos de Berkeley, ver Harry Bracken, *The Early Reception of Berkeley’s Immaterialism* (La Haya: Martinus Nijhoff, 1959; versão revisada, 1965)

I. O ENTENDIMENTO DE BERKELEY DO CETICISMO

.....

A discussão mais completa de Berkeley sobre o ceticismo se encontra em *Três Diálogos*.² Ali ele inicialmente caracteriza o ceticismo em termos da dúvida:

PHILONOUS: Por favor, Hylas, o que você quer dizer com *cético*?

HYLAS: Quero dizer o mesmo que todo o mundo: alguém que duvida de tudo.

(*Works*, vol. 2, 173; salvo indicação em contrário, todas as ênfases são de Berkeley).

Berkeley, através de Philonous, faz Hylas conceder que esta definição é demasiado ampla, e assim Hylas oferece uma definição alterada que Philonous considera aceitável:

HYLAS: O que você pensa da desconfiança dos sentidos, de negar a real existência das coisas sensíveis, ou de fingir que nada conhecemos a seu respeito? Não será isso suficiente para denominar um homem de *cético*?

PHILONOUS: Devemos então examinar qual de nós é que nega a realidade das coisas sensíveis ou declara a maior ignorância a seu respeito, já que, se compreendo você corretamente, este deve ser considerado o maior *cético*?

(Ibid.)

Se tomarmos a frase “destruição dos sentidos” como significando a visão de que a percepção não oferece conhecimento dos objetos físicos, então essa troca de ideias entre Hylas e Philonous fornece três noções de ceticismo que dizem respeito a Berkeley.

1. Nós não temos conhecimento perceptivo dos objetos.
2. Nós não temos nenhum conhecimento dos objetos.
3. Não existem objetos físicos.

² As referências aos escritos de Berkeley ao longo deste capítulo serão para *The Works of George Berkeley*, ed. T.E. Jessop e A. A. Luce (Edimburgo: Thomas Nelson, 1948–57). Tanto os *Princípios* como os *Três diálogos* estão no volume 2.

O enunciado 3, obviamente, não é uma doutrina cética *per se*, uma vez que diz respeito meramente à existência dos objetos físicos e é omissa sobre qualquer conhecimento que possamos ter deles. Mesmo assim, (3) é importante porque se for verdadeiro, então também o são (2) e (1), uma vez que, se não há objetos físicos, então nós não temos nenhum conhecimento positivo deles.

Veremos adiante que Berkeley não sustenta realmente que os pontos de vistas filosóficos de Hylas acarretam (3). Em vez disso, o que Berkeley alega é que, dadas as doutrinas de Hylas, não saberíamos que há objetos físicos. Esta é uma tese muito diferente e propriamente epistêmica.

No prefácio aos *Três Diálogos*, Berkeley diz:

Conforme os princípios comuns dos filósofos, nós não estamos seguros da existência das coisas a partir do seu ser percebido. E nos ensinam a distinguir sua natureza real da que chega aos nossos sentidos. Em consequência surgem o ceticismo e os *paradoxos*. Não é suficiente que vejamos e sintamos, que provemos e cheiremos uma coisa. Sua verdadeira natureza, sua existência independente externa permanece ainda oculta.

(*Works*, vol. 2, 167)

[251] O ceticismo sobre a natureza dos objetos é uma posição completamente diferente do ceticismo geral sobre os objetos, expresso em (2). Pois enquanto (2) implica o ceticismo quanto à natureza dos objetos, claramente o contrário não é válido. Alguém pode ter todo tipo de conhecimento dos objetos, incluindo o da sua existência, mas permanecer ignorante sobre sua natureza “interior”. De fato, em uma interpretação, essa é exatamente a posição oficial de Locke.

Berkeley também fala, na última passagem citada, de não estar “seguro da existência das coisas”. Uma leitura natural da palavra “seguro” é “certo de”, e assim entendida, Berkeley aludiria a uma doutrina cética que poderíamos expressar como segue:

4. Nossas crenças sobre a existência e caráter dos objetos não é certa.

No terceiro diálogo, depois de um resumo de sua própria posição, Philonous diz:

Fora, então, com todo esse ceticismo, com todas essas ridículas dúvidas filosóficas. Que zombaria é essa da parte de um filósofo questionar a existência das coisas sensíveis, até que ele a tenha provado para si a partir da veracidade de Deus; ou pretender que nosso conhecimento nesse ponto não corresponde à intuição ou demonstração! Eu poderia tanto duvidar da minha própria existência como da existência daquelas coisas as quais eu realmente vejo e sinto.

Works, vol. 2, 230)

A referência à veracidade de Deus é claramente a Descartes, e a referência seguinte à intuição e demonstração pode ser lida naturalmente como se referindo à explicação de Locke do conhecimento sensível. De acordo com Locke, temos conhecimento sensível dos objetos que tem certo grau de certeza que não alcança a certeza que acompanha as crenças sobre ideias de sensação imediatamente experienciadas. Temos conhecimento intuitivo e de máxima certeza, diz Locke, das ideias apenas no momento em que as experienciamos, e nunca temos conhecimento intuitivo dos objetos. A afirmação de Berkeley na passagem que acabamos de citar, então, é que conforme a posição de Locke carecemos de conhecimento certo dos objetos. O ceticismo do tipo expresso em (4) será retomado na última seção deste capítulo. O ceticismo sobre a natureza dos objetos não será levado em conta porque nos levaria muito longe na filosofia de Locke.

2. OS PRINCÍPIOS COMUNS DOS FILÓSOFOS

.....

Berkeley sustenta que há alguns princípios comuns aos filósofos e que esses princípios, individualmente ou em conjunto, levam de alguma forma ao ceticismo. Todavia, ele não menciona quais filósofos ele tem em mente. Parece claro [252] que Locke é um dos principais alvos de Berkeley. Locke é mencionado pelo nome na discussão das ideias abstratas na introdução aos *Princípios*, e tanto nos *Princípios* como nos *Três diálogos* Berkeley destaca certas doutrinas que sabemos que foram aceitas por Locke. Os exemplos incluem a distinção entre qualidades primárias e secundárias, a tese realista de que os objetos e suas várias qualidades existem independentemente dos sujeitos que percebem e das suas percepções, e a tese de que existem ideias

abstratas. Também está claro que ao se referir à confiança na veracidade de Deus para ajudar a estabelecer que há objetos físicos, como já observamos, Berkeley tem em mente Descartes, embora não esteja claro se Descartes é considerado por Berkeley como alguém que aceita os princípios comuns que Berkeley chamará a atenção.

Dada essa incerteza sobre os filósofos aos quais Berkeley se refere, examinaremos, em vez disso, apenas os princípios comuns que Berkeley afirma que tem consequências céticas. Parecerá, talvez corretamente, que sobre esses pontos na mente de Berkeley em primeiro lugar está Locke, embora não se possa presumir a correção deste ponto.

Na introdução aos *Princípios*, Berkeley escreve:

Meu propósito é, portanto, tentar descobrir quais são esses princípios que introduziram todas essas dúvidas e incertezas, esses absurdos e essas contradições nas diversas seitas filosóficas.

(*Works*, vol. 2, 26)

O primeiro princípio que Berkeley afirma que gera o ceticismo é a tese de que existem ideias abstratas. Ele diz, imediatamente depois da última passagem citada:

Mas a explicação desse assunto leva-me a antecipar em certa medida meu plano, chamando a atenção para o que parece ter desempenhado um papel importante no caráter intrincado e obscuro da especulação, e ter ocasionado inúmeros erros e dificuldades em quase todas as áreas do conhecimento. Refiro-me à opinião de que a mente tem um poder de formar *ideias abstratas* ou noções das coisas.

(*Ibid.*, 27)

Um segundo princípio que se sustenta que conduz ao ceticismo é a tese de que a matéria existe, ou, mais exatamente, que os objetos físicos consistem em um substrato material no qual as qualidades são inerentes. Uma passagem onde isso fica claro é numa troca de ideias entre Hylas e Philonous:

HYLAS: Como! Pode existir alguma coisa mais fantástica, mais contrária ao senso comum, ou ser uma demonstração mais clara de ceticismo, do que acreditar que não existe uma tal coisa como a *matéria*?

PHILONOUS: O que faria se eu provasse que você, que sustenta que a matéria existe, é, em virtude desta opinião, mais cético do que eu, que não acredito numa tal coisa, e mantêm mais paradoxos e oposições ao senso comum?

(*Works*, vol. 2, 172)

Para que não pensemos que Berkeley está realmente falando apenas de graus de comprometimento com o ceticismo, já que ele fez Philonous afirmar que Hylas é um “maior cético”, [253] consideremos como Berkeley coloca a questão um pouco depois no terceiro diálogo, após Hylas ter apresentado um discurso de concessão no qual ele diz que é impossível que os corpos materiais devam existir:

Philonous: Você me surpreende. Pode existir algo mais fantástico e extravagante do que as noções que você agora sustenta? E não é evidente que você está sendo levado a essas extravagâncias pela sua crença numa *substância material*. Isso faz com que você veja naturezas desconhecidas em tudo. É isso que leva você a distinguir entre a realidade e a aparência sensível das coisas. É a isso que você está obrigado por ignorar o que todo mundo conhece perfeitamente bem.

(*Works*, vol. 2, 229)

Estreitamente conectado com a tese da substância material é o ponto que os objetos têm uma existência absoluta. Como Berkeley usa esse termo, ele significa que os objetos existem independentemente de todos os sujeitos que percebem e das percepções, ou, em termos diferentes, é a própria negação da tese de Berkeley de que em relação aos objetos e suas qualidades, ser é ser percebido. A conexão dessa tese com o ceticismo, aos olhos de Berkeley, torna-se clara nessa passagem dos *Princípios*:

Na medida em que atribuímos uma existência real a coisas não pensantes, diferente da de serem percebidas, não só nos será impossível conhecer com evidência a natureza de qualquer ser real não pensante, como tampouco que ele existe. Por isso é que vemos os filósofos desconfiarem de seus sentidos e duvidarem da existência do céu e da terra, de tudo o que veem ou sentem, inclusive de seus próprios corpos.

(*Works*, vol. 2, 79)

Um quarto e último princípio que se considera que leva ao ceticismo é o realismo representativo. Uma passagem representativa que mostra isso, extraída dentre muitas, é *Princípios* 87:

Cor, figura, movimento, extensão etc., consideradas só como outras tantas *sensações* na mente, são perfeitamente conhecidas; pois nada há nelas que não seja percebido. Mas se são consideradas como notas ou imagens que se referem a *coisas* ou a *arquétipos* que existem fora da mente, então nos achamos completamente envolvidos no *ceticismo*.

(*Works*, vol. 2, 78)

As passagens que citamos deixam claro que Berkeley pensa que cada um dos quatro princípios por si mesmo leva ao ceticismo. Na verdade, fica claro a partir dessas passagens que ele sustenta que todas as doutrinas céticas identificadas anteriormente, com exceção talvez de (3), derivam de cada um desses princípios. Ele não indica o que quer dizer com a afirmação que esses princípios *conduzem* ao ceticismo, embora uma leitura natural seria que cada um desses princípios implica uma ou mais doutrinas céticas, ou que cada um dos princípios comuns tomados em conjunto com algumas outras verdades óbvias implica o ceticismo.

[254]

3. O QUE LEVA AO CETICISMO

.....

Não é difícil ver que, segundo os próprios esclarecimentos de Berkeley, os três primeiros princípios comuns não implicam individualmente o ceticismo. Na verdade, não parece que eles tenham essa implicação nem sequer tomados coletivamente. A razão é que cada um dos primeiros três princípios comuns é compatível com o realismo direto sobre a percepção. Segundo essa teoria, é claro, os objetos físicos e não alguns fenômenos intermediários são tipicamente percebidos imediatamente. O próprio Berkeley considera a percepção imediata dos objetos físicos como suficiente em muitos contextos para o conhecimento desses objetos. Assim, pela própria posição de Berkeley, nenhum dos três primeiros princípios comuns em si implicam o ceticismo. Além disso, o mesmo parece valer para os três princípios tomados como um grupo, pois os três princípios conjugados também são perfeitamente compatíveis com o realismo direto.

Não obstante, podemos reconstruir o pensamento de Berkeley sobre esse tópico como a afirmação de que cada um desses três princípios comuns, quando considerados em conjunto com algumas outras verdades óbvias, implica o ceticismo. Consideremos primeiro o segundo princípio comum, a saber, a tese do substrato material. Se os objetos consistem em qualidades inerentes a um substrato material, então Berkeley sustenta que esses objetos existem impercebidos. Ele nota:

Mas para que nos preocuparmos ainda em discutir este *substratum* material ou suporte da figura e do movimento, e das demais qualidades sensíveis? Não se supõe que estas têm uma existência fora da mente? E não é isso uma contradição evidente e completamente inconcebível?

(*Princípios* 17, in *Works*, vol. 2, 35)

Embora se possa questionar essa inferência, aqui estamos apenas perguntando como Berkeley estava raciocinando, não se ele estava certo.³ Berkeley também parece ter sentido que a tese das ideias abstratas implica que os objetos existem impercebidos. Ele diz inicialmente nos *Princípios*:

Se examinarmos bem este princípio, descobriremos, talvez, que no fundo ele depende da doutrina das *ideias abstratas*. Pois pode haver uma maneira mais sutil de abstração do que distinguir a existência dos objetos sensíveis do seu ser percebido, assim como concebê-los existindo impercebidos?

(*Princípios*, 5, in *Works*, vol. 2, 42).

Aqui, o princípio ao qual Berkeley se refere é a afirmação de que os objetos sensíveis existem impercebidos. Berkeley não esclarece mais o que ele quer dizer com “depende da”, mas uma leitura possível é que a verdade da tese das ideias abstratas é logicamente suficiente para a verdade da afirmação de que os objetos existem impercebidos.⁴ Se é isso o que Berkeley quer dizer, então sua

³ Na tese do substrato material, um objeto consiste no substrato mais as qualidades inerentes. A afirmação de que esta tese implica que os objetos existem despercebidos é equivalente, por contraposição, à afirmação de que: a afirmação de que os objetos existem apenas se são percebidos implica que os objetos não são substratos mais qualidades inerentes. No entanto, certamente parece uma posição consistente sustentar que o objeto e suas qualidades existem se e somente se percebidos, mas que algum elemento constituinte do objeto, a saber, o substrato, não existe.

⁴ Esta não é a única leitura, é claro; Berkeley pode querer dizer escolher apenas uma condição necessária, ou mesmo ambas as condições necessárias e suficientes. Para uma discussão mais

opinião seria que o primeiro dos princípios comuns considerados aqui, a saber, a tese das ideias abstratas, implica o terceiro princípio comum, que os objetos existem impercebidos, de modo que o princípio “ser é ser percebido” como aplicado aos objetos sensíveis seria falso.

[255] Nesta reconstrução, cada um dos primeiro e segundo princípios comuns implica o terceiro. Por si só, como observamos, isso não é suficiente para nos levar ao ceticismo. No entanto, junto com muitos outros filósofos do período, Berkeley também assume que a teoria das ideias é correta, de modo que em toda experiência perceptiva, pelo menos uma ideia é imediatamente percebida. Então, a conjunção da tese de que os objetos existem impercebidos e a teoria das ideias implicaria que alguma forma de realismo indireto seria correta como uma teoria da percepção, e Berkeley sustenta que o realismo indireto gera o ceticismo.

Em poucas palavras, o raciocínio é este: a tese das ideias abstratas e a tese do substrato material implicam, cada uma, que os objetos existem impercebidos. A última afirmação, conjugada com a teoria das ideias, implica o realismo indireto; e o realismo indireto leva diretamente ao ceticismo sobre os objetos.

Não acho que Berkeley sustente que o realismo indireto por si só acarreta o ceticismo. Mais uma vez, deve-se acrescentar algo para obter esse resultado. Berkeley indica quais são esses elementos extras nos *Princípios* 18-20, onde observa que se o realismo indireto estiver correto, então qualquer conhecimento perceptivo que possamos ter sobre os objetos teria que ser conhecimento inferencial. Em suma, precisaríamos ser capazes de derivar as crenças sobre os objetos a partir de crenças sobre ideias imediatamente experienciadas. Inferências dedutivas não estariam disponíveis aqui porque

como a razão pode nos induzir a acreditar na existência de corpos fora da mente, a partir do que percebemos, se os próprios defensores da matéria não pretendem que exista qualquer conexão necessária entre os corpos e nossas ideias?

(*Princípios*, 18, *Works*, vol. 2, 48).

Se as inferências em questão fossem indutivas, provavelmente seriam explanatórias, com a suposição de objetos impercebidos ajudando a explicar os

aprofundada sobre esta questão, ver George Pappas, *Berkeley's Thought* (Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 2000), 87.

tipos e seqüências de ideias que experienciamos. Berkeley pensa que esse tipo de inferência indutiva não terá sucesso porque exigiria que os objetos materiais afetassem causalmente as mentes, que Berkeley supõe que são entidades imateriais. Assim, a inferência indutiva mais plausível de crenças sobre ideias para crenças sobre objetos não terá sucesso e, uma vez que essas opções de inferência são exaustivas, resulta o ceticismo sobre os objetos. Vemos assim que nenhum dos três primeiros princípios comuns identificados por Berkeley implica o ceticismo, e tampouco o fazem quando considerados em conjunto. É apenas com a adição de outras premissas substantivas, as mais importantes, um enunciado da teoria das ideias e algumas afirmações sobre o conhecimento inferencial, que o ceticismo emergirá como uma conclusão.⁵

O quarto princípio comum é a teoria da percepção realista-representativa, uma espécie de realismo indireto, e observamos que Berkeley pensa que ela também leva ao ceticismo. Novamente, não é uma implicação direta; são necessárias algumas premissas extras. Berkeley as fornece no que podemos chamar de *argumento da conformidade*:

Em primeiro lugar, no que se refere às ideias ou coisas não pensantes, nosso conhecimento delas tem sido muito obscurecido e confundido, e fomos levados a erros muito perigosos ao supor uma dupla existência dos objetos dos sentidos: uma *inteligível* ou na mente, outra *real* e fora da mente; pela qual se considera que as coisas [256] não pensantes têm uma subsistência natural própria, diferente da de ser percebida por espíritos. Noção essa que, se não me engano, mostrei ser a mais infundada e absurda, é a verdadeira raiz do *ceticismo*. Pois, enquanto o homem pensava que as coisas reais subsistiam fora da mente, e que seu conhecimento era *verdadeiro* somente na medida em que correspondesse às *coisas reais*, seguia-se que nunca podia estar certo de possuir um conhecimento verdadeiro. Pois, como se poderia saber que as coisas que são percebidas correspondem àquelas que não são percebidas ou que existem fora da mente?

(*Princípios*, 86, in *Works*, vol. 2, 76; um argumento da conformidade semelhante aparece nos *Três diálogos*, in *Works*, vol. 2, 246)

⁵ A afirmação de Berkeley de que se o realismo indireto for verdadeiro, então nosso conhecimento dos objetos teria que ser inferencial é criticamente examinado e considerado deficiente em George Pappas, "Berkeley's Assessment of Locke's Epistemology," *Philosophica* 76 (2005), 91–114. O ponto de que as inferências indutivas relevantes falhariam é contestado por J.L. Mackie, *Problems from Locke* (Oxford: Clarendon Press, 1976), 62-71.

Com esse quarto princípio comum, as premissas extras necessárias são que temos conhecimento de objetos, dado o realismo representativo, apenas se esse conhecimento for inferencial. As inferências necessárias claramente não seriam dedutivas, embora Berkeley omita esse ponto. Elas teriam sucesso como induções só se pudéssemos estabelecer também que existe uma conformidade entre ideias e objetos, e Berkeley considera que a conformidade necessária é a semelhança. No entanto, podemos estabelecer esse tipo de semelhança apenas se pudermos comparar os dois itens semelhantes, e, dada a teoria realista representativa, isso é algo que não podemos fazer. Portanto, se o realismo representativo está correto, terminamos com o ceticismo sobre os objetos, não diretamente, mas via a premissa adicional fornecida com o argumento da conformidade.⁶

4. DERROTANDO O CETICISMO

.....

Berkeley não se contenta em expor os princípios que dão origem ao ceticismo. Ele também deseja solapar o ceticismo, refutando esses princípios. Não há razão para atribuir a Berkeley o que seria a estranha ideia de que o ceticismo não surgiria com base em nenhum outro princípio, é claro. Berkeley estava prestando atenção aos princípios que, da maneira como ele compreendia as coisas, estavam em vigor em seu próprio tempo.

As críticas de Berkeley aos quatro princípios comuns são longas e complexas e serão apresentadas aqui apenas de forma resumida. Suas críticas às ideias abstratas e ao processo de abstração ocorrem principalmente na introdução aos *Princípios*, embora ele tenha comentários críticos sobre as ideias abstratas em outras obras também, incluindo os *Três diálogos*.⁷ Berkeley

⁶ O argumento da conformidade é discutido em mais detalhes in Pappas, “Berkeley’s Assessment of Locke’s Epistemology”.

⁷ A crítica às ideias abstratas em *Três Diálogos* é discutida in Tom Stoneham, *Berkeley’s World* (Oxford: Oxford University Press, 2002), cap. 7; em conexão com o *Ensaio para uma Nova Teoria da Visão* in George Pappas, “Abstract Ideas and the New Theory of Vision”, *British Journal for the History of Philosophy* 10 (2002): 55-71; e em conexão com a filosofia da matemática de Berkeley in Douglas Jesseph, *Berkeley’s Philosophy of Mathematics* (Chicago: University of Chicago Press,

distingue vários tipos de ideias abstratas, em relação a algumas das quais ele se opõe com base no fato de que não podem ser adquiridas. Um exemplo desse tipo seria a ideia abstrata de uma instância de cor, digamos, essa instância de tom vermelho 36. O processo de aquisição dessa ideia seria o de abstraí-la, ou separá-la, da ideia de uma determinada forma com a qual ela está fundida, e isso é algo que Berkeley afirma não poder ser feito. Ele sustenta, junto com outros, que o que não pode ser separado na realidade não pode ser separado no pensamento. Na realidade, não podemos separar uma instância de tom vermelho 36 de alguma instância de forma. Consequentemente, não podemos ter uma ideia do tom de vermelho 36 porque não podemos ter êxito em adquiri-la.⁸

[257] Outros tipos de ideias abstratas não podem ser adquiridas porque são intrinsecamente impossíveis. Um exemplo seria a ideia abstrata de cor, formada prestando atenção a ideias de várias cores e separando o que elas têm em comum, a saber, serem cores. A ideia abstrata de cor resultante teria de ser nem da cor vermelha, nem verde, nem amarela, nem de qualquer uma das outras cores determinadas, mas ainda teria que ser uma ideia da (mera) cor. Berkeley considera essa ideia abstrata um objeto impossível, algo que não pode existir. Supõe-se que a ideia abstrata do homem seja algo como a da cor, um mero determinável. É uma ideia

A cor faz parte dessa ideia, pois não há nenhum homem que não tenha alguma cor, mas, nesse caso, não pode ser nem branca, nem preta, nem qualquer outra cor particular, pois não há nenhuma cor particular em que todos os homens participem. Assim, também, inclui-se nessa ideia a estatura; neste caso, porém, não se trata de estatura alta nem baixa, tampouco de estatura média, mas de alguma coisa que se abstrai de todas estas.

(*Works*, vol. 2, 28–29)

Berkeley afirma que não se pode ter uma ideia desse tipo, como tampouco se pode ter uma ideia abstrata de cor.

1993).

⁸ Há desacordo sobre se Berkeley estava correto em entender a abstração como separação, em oposição à atenção seletiva. Para algumas das questões, ver Kenneth Winkler, *Berkeley: An Interpretation* (Nova York: Oxford University Press, 1989), e Pappas, *Berkeley's Thought*, cap. 3.

A ideia de homem que formo para mim mesmo deve ser de um homem branco, negro ou mulato; ereto ou curvado; alto, baixo ou de estatura mediana.

(Ibid., 29)

As ideias abstratas de cor ou de homem são o que Berkeley considera ideias gerais abstratas, e é à sua generalidade que ele mais se opõe porque isso entra em conflito com um de seus princípios mais profundos, a saber, que tudo o que existe é particular.

Berkeley critica a tese de que os objetos existem independentemente das percepções e dos sujeitos que percebem principalmente em suas tentativas de estabelecer o princípio de que para todas as coisas que não percebem, ser é ser percebido. No primeiro dos *Três diálogos*, ele considera individualmente cada uma das qualidades sensíveis e tenta mostrar por meio de argumentos familiares da relatividade perceptiva que nenhuma dessas qualidades existe sem ser percebida. Se bem-sucedidos, esses argumentos não seriam suficientes para mostrar que os objetos existem só quando percebidos, pois um objeto pode consistir em mais do que qualidades sensíveis. Pode, por exemplo, consistir, em parte, em um substrato material no qual as qualidades são inerentes. Berkeley tem uma bateria de argumentos contra a substância material, especialmente nos *Três diálogos*, onde Hylas apresenta uma série de maneiras diferentes de conceber a matéria. Um dos principais argumentos que ele usa, entretanto, é que não se pode dar nenhum sentido claro à relação de inerência. Supõe-se que um substrato deve apoiar e unificar as qualidades inerentes a ele. No entanto, as formas comuns de entender a relação de suporte requerem que a entidade que suporta seja estendida, ao contrário do próprio conceito de substrato.

A teoria da percepção realista-representativa é criticada principalmente porque requer que algumas ideias se assemelhem a qualidades reais dos corpos, e que isso é impossível. A semelhança entre ideias e qualidades nos corpos, sustenta Berkeley, violaria o princípio de semelhança, segundo o qual uma ideia só pode ser como ou se assemelhar a outra ideia. Em consequência, sustenta que a teoria realista representativa [258] é simplesmente falsa. Seu principal argumento contra a teoria não é que ela leve ao ceticismo em relação aos corpos, embora tenhamos visto que ele

sustenta isso. Em vez disso, seu principal argumento contra a teoria é que ela requer uma relação de semelhança que não pode ser obtida.

5. REFUTANDO O CETICISMO

.....

Berkeley quer ir além de simplesmente minar o ceticismo, refutando os princípios comuns que o originam. Ele também quer refutar completamente o ceticismo. A chave para compreender como isso funcionará é explicar o que Berkeley diz sobre a percepção dos objetos.

Para compreender a visão de Berkeley, é útil começar com a visão que ele rejeita, a saber, o realismo indireto, incluindo a versão realista representativa dessa teoria, que Berkeley atribui a Locke. Nessas teorias, apenas ideias sensíveis são percebidas imediatamente. Os objetos físicos e suas qualidades, quando percebidos, são sempre percebidos indiretamente. Berkeley pensa, como já observamos, que isso significa que, se deve haver conhecimento dos objetos obtido por meio da percepção, tanto para o realismo indireto quanto para sua versão representativa, esse conhecimento teria de ser inferencial. Além disso, por razões já apresentadas, Berkeley pensa que as perspectivas de que tais inferências realmente sejam bem-sucedidas são mais do que simplesmente pouco prometedoras. Ele ainda sustenta que as coisas são completamente diferentes em sua posição filosófica porque permite a percepção imediata dos objetos. É esse fato que se supõe que apoia a afirmação de Berkeley de que, em sua filosofia, não temos apenas conhecimento perceptivo dos objetos, mas um conhecimento imediato e não inferencial dos objetos.

Berkeley endossa o imaterialismo sobre os objetos, ou seja, a opinião de que os objetos não mais são que feixes de qualidades sensíveis. Essas qualidades não são inerentes a uma substância material; para Berkeley, não existe tal coisa, como já anteriormente. Nos *Princípios*, Berkeley assume sem discussão que cada qualidade sensível é uma ideia e que, junto com o imaterialismo, isso produz o resultado de que os objetos são realmente feixes de ideias sensíveis.

Berkeley pode ter se dado conta de que não bastava simplesmente assumir que as qualidades sensíveis são cada qual ideias, já que nos *Três diálogos* ele despende um bom esforço tentando estabelecer exatamente esse

ponto. No primeiro diálogo, Berkeley utiliza principalmente argumentos da relatividade perceptiva sobre cada uma das qualidades sensíveis e conclui em cada caso que a qualidade sensível em questão é uma ideia que existe somente quando percebida (ou, como ele costuma dizer, somente na mente). Munido com esse resultado, junto com a suposição de que cobriu todas as qualidades sensíveis e a suposição adicional do imaterialismo, Berkeley chega à posição de que os objetos são feixes de ideias sensíveis.

[259] As ideias sensíveis são entidades paradigmaticamente percebidas imediatamente. Berkeley pensa que os objetos físicos também são percebidos imediatamente. Por exemplo, ele diz:

Madeira, pedras, fogo, água, carne, ferro, e coisas parecidas, as quais nomeio e sobre as quais converso, são as coisas que conheço. E não as teria conhecido se não as tivesse percebido por meio de meus sentidos; e as coisas percebidas pelos sentidos são imediatamente percebidas.

(*Works*, vol. 2, 230)

Em uma carta ao filósofo americano Samuel Johnson, Berkeley escreveu:

Não vejo dificuldade alguma em conceber uma mudança de estado como essa que vulgarmente se denomina Morte, seja com substância material ou sem ela. É suficiente, para esse propósito, que concebamos corpos sensíveis, ou seja, tais como os que são imediatamente percebidos pela vista e o tato.

(*Ibid.*, 282)

Berkeley está em condições de sustentar que os objetos são imediatamente percebidos, dada sua teoria dos objetos como feixes e dado o fato que as ideias sensíveis são imediatamente percebidas. Na medida em que se pode dizer que percebemos imediatamente um objeto ao percebermos imediatamente alguns de seus elementos constituintes, a saber, as ideias que compõem esse objeto, Berkeley estará em terreno seguro ao afirmar que os objetos são imediatamente percebidos.

Não constitui objeção a este ponto que nunca percebemos imediatamente todas as ideias sensíveis que constituem um objeto. Em circunstâncias normais, praticamente nunca percebemos todas as partes de um objeto ou outros elementos que compõem esse objeto, e não achamos que isso seja um impedimento no que diz respeito à percepção. Seguimos dizendo, isto

é, que o objeto em questão é percebido. Quando olho para o Portão de Brandemburgo de um lado, quase não vejo todas as suas partes, talvez nem mesmo a maior parte delas. No entanto, vejo o Portão de Brandemburgo desse ângulo e posição. Um ponto semelhante vale no caso de Berkeley. Não é exatamente o mesmo ponto, é claro, porque as ideias sensíveis que compõem um objeto não são partes do objeto, mas a analogia é próxima o suficiente para esses fins ilustrativos.

Se os objetos e suas qualidades sensíveis são percebidos imediatamente, diz Berkeley, então também temos conhecimento desses objetos e qualidades. A última passagem citada mostra isso claramente, assumindo que podemos contrapor a frase de Berkeley “Eu não deveria tê-los conhecido, mas eu os percebi pelos meus sentidos” de modo que se lê “Se percebo imediatamente esses objetos, então conheço esses objetos (tenho conhecimento desses objetos).” Que Berkeley concebe esse conhecimento como imediato e não inferencial é indicado por duas anotações dos *Comentários filosóficos*:

Temos um conhecimento intuitivo da existência de outras coisas além de nós mesmos e inclusive anterior ao conhecimento de nossa própria existência, na medida que devemos ter ideias ou então não podemos pensar.

(Entrada 547, in *Works*, vol. 1, 69)

[260] Aqui, o termo “outras coisas” pode referir-se unicamente a ideias sensíveis e não a objetos. No entanto, Berkeley retorna ao mesmo ponto na anotação 563:

Estou mais distante do ceticismo que qualquer homem. Conheço com um conhecimento intuitivo a existência de outras coisas assim como minha própria alma. Isso é o que nem Locke nem muito menos algum outro filósofo pensante alegará conhecer.

(Ibid., 70)⁹

Nesta segunda passagem, Berkeley também usa o termo “outras coisas”. O ponto importante é que ele contrasta sua visão com a de Locke. Não haveria contraste se Berkeley usasse “outras coisas” para se referir a ideias, porque Locke reconhece que temos conhecimento intuitivo delas. Para ressaltar um

⁹ Os *Comentários filosóficos* são cadernos que Berkeley manteve nos meses imediatamente anteriores à publicação de seu primeiro livro, o *Ensaio para uma nova teoria da visão*, em 1709. Os cadernos foram descobertos e publicados pela primeira vez por A. C. Fraser em 1870.

contraste com Locke, Berkeley deve entender por “outras coisas” os objetos sensíveis e suas qualidades. Além disso, a ênfase que ele coloca no conhecimento intuitivo, tal como Locke concebe essa noção, confirma o fato de que Berkeley está afirmando que obtemos um conhecimento imediato e não inferencial dos objetos ao percebê-los imediatamente.

Em suma, Berkeley pensa que pode sustentar de maneira plausível que os objetos físicos e suas qualidades são percebidos imediatamente. Ele pode chegar a esse resultado por meio de sua teoria dos objetos como feixes, a verdade óbvia de que as ideias sensíveis são imediatamente percebidas e a suposição de que podemos perceber imediatamente um objeto ao perceber imediatamente alguns dos elementos que o constituem.¹⁰ Por sua vez, ele sustenta que esta percepção imediata dos objetos é suficiente para que tenhamos um conhecimento não inferencial dos objetos. Isso equivale à resposta de Berkeley às formas de ceticismo citadas anteriormente como (1) e (2). Além disso, temos conhecimento dos objetos por tê-los percebido imediatamente apenas se houver, ou houve, objetos, de maneira que Berkeley acha de modo plausível que ele também tem uma resposta efetiva ao ceticismo na forma de (3).

6. CERTEZA

.....

Outra forma de ceticismo que preocupa Berkeley é a tese de que não temos certeza em nossas crenças sobre os objetos, expressa anteriormente como (4). Aqui é importante um pouco da complexidade em Locke. Locke distingue entre conhecimento intuitivo, demonstrativo e sensível. Só obtemos conhecimento intuitivo das ideias e pares de ideias imediatamente experimentadas e do eu. Locke pensa não apenas que esse tipo de conhecimento é não inferencial, senão também que goza do mais alto nível ou grau de certeza. Em contraste, o conhecimento sensível é o conhecimento de objetos, e independentemente do fato que Locke pense que seja ou não inferencial, tem um grau de certeza

¹⁰ Para dizer a verdade, Berkeley precisa de um conceito de percepção imediata que apoie essa suposição. Três diferentes tentativas de chegar a este conceito se encontram em Georges Dicker, “Berkeley on Immediate Perception: Once More unto the Breach,” *Philosophical Quarterly* 56(2006): 517–535; Stoneham, *Berkeley’s World*, 89–92; e Pappas, *Berkeley’s Thought*, 158–172.

menor do que aquele possuído pelo conhecimento intuitivo, embora seja um nível de certeza suficiente para qualificar o conhecimento sensível como conhecimento genuíno e não meramente uma crença bem formada.¹¹

[261] Vimos que Berkeley afirma que, em sua filosofia, temos conhecimento intuitivo dos objetos e não apenas das ideias. Se com isso ele quer dizer que temos conhecimento não inferencial dos objetos, dado que a não inferencialidade é parte do que Locke entende por conhecimento intuitivo, então Berkeley teria um caso razoável baseado nas considerações aduzidas na seção anterior. Mas se ele pretende enfatizar, em vez disso, que nosso conhecimento dos objetos tem o mais alto grau de certeza que Locke afirma estar relacionado ao conhecimento intuitivo, então Berkeley estaria definitivamente enganado. Esse maior grau de certeza, para Locke, é cartesiano e equivale à impossibilidade de uma crença errada. No *Draft A* do *Ensaio*, Locke fala de certeza em termos de infalibilidade, ou a impossibilidade de uma crença errada. Por exemplo, ele diz:

Que um homem pode ter um conhecimento infalível de proposições afirmativas universais idênticas (a saber, em que qualquer uma de suas ideias se afirma por si mesma) e de todas as proposições que dependem delas.¹²

Aqui, Locke está falando de ideias simples que estão atualmente diante da mente. Se alguém está imediatamente ciente de uma ideia de cor vermelha, então não pode equivocar-se ao acreditar que está imediatamente ciente da cor vermelha. Locke estende o ponto a uma multiplicidade de ideias atuais:

Que um homem pode ter um certo conhecimento infalível de proposições negativas universais em que uma de suas ideias simples é negada de uma outra e todas as proposições subsequentes dependem delas.

(*Draft A*, 53)

Os exemplos de Locke neste tipo de casos incluem situações em que alguém tem duas ideias visuais, uma de vermelho e outra de amarelo, sobre as quais

¹¹ A tese de que para Locke o conhecimento sensível também é não inferencial é defendida em Michael Ayers, *Locke: Epistemology and Ontology*, vol. I (London: Routledge, 1991), e em George Pappas, "Locke's Account of Sensitive Knowledge", in M. O'Rourke, ed., *Knowledge and Skepticism: Topics in Contemporary Philosophy* (Cambridge, Mass.: MIT Press).

¹² John Locke, *An Early Draft of Locke's Essay*, ed. R. Aaron e J. Gibb (Oxford: Clarendon Press, 1936), p. 53. Outras citações no texto correspondem a este livro.

ele diz que “quando ele tem em seu entendimento... a ideia de amarelo e a ideia de vermelho ele não pode senão certamente conhecê-la. . . que a ideia de vermelho é a ideia de vermelho e não a ideia de amarelo” (Ibid.).

Os comentários de Locke sobre a infalibilidade se expressam na forma de regras, mas nas observações que ele faz um pouco antes das regras, ele diz:

Toda esta certeza nasce somente daquele claro conhecimento evidente e distinto que nosso entendimento possui daquelas ideias simples que recebeu das operações de nossas próprias mentes. . . , cuja percepção e conhecimento de suas próprias ideias que estão nele não podem errar sobre elas.

(Ibid., 52)

Vemos assim que Locke entende que a noção de infalibilidade significa a impossibilidade de uma crença errada. Por sua vez, esta noção implica a de ter uma probabilidade de um.

As proposições que Locke identifica como infalivelmente conhecidas no *Draft* A correspondem a algumas dessas proposições que ele diz que são conhecidas intuitivamente no *Ensaio* publicado. Lá Locke repete as afirmações sobre infalibilidade (E, IV, I, 4), mas então acrescenta:

Esse tipo de verdades a mente as percebe à primeira vista de *ideias* juntas, por pura *intuição*, sem a intervenção de qualquer outra *ideia*; e esse tipo de conhecimento é o mais claro e mais certo de que a fragilidade humana é capaz. Esta parte do conhecimento é irresistível e, como os raios do sol, impõem-se a ser percebida imediatamente. (*Ensaio*, IV, II, 1)¹³

O próprio Locke nunca reivindica este nível de certeza para o conhecimento sensível dos corpos. Se Berkeley afirma ter este nível de certeza em relação às crenças sobre corpos, dada sua própria filosofia, então está enganado, já que nossas crenças sobre os corpos, mesmo aquelas percebidas imediatamente e conhecidas de maneira não inferencial, não são de molde a descartar a possibilidade lógica de erro.

¹³ John Locke, *An Essay Concerning Human Understanding*, ed. P. Nidditch (Oxford: Oxford University Press, 1975).

Berkeley tem um conceito de certeza mais fraco ao qual parece dar muita importância. Para ver o que é isso, podemos considerar algumas passagens dos *Comentários filosóficos*. Numa, Berkeley diz:

Estou certo de que há um Deus, ainda quando não o percebo, não tenho intuição alguma dele. Isto não é difícil se entendermos corretamente o que se quer dizer com certeza.

(*Comentários filosóficos*, Anotação 813; *Works*, vol. 1, 97)

Na anotação 776, Berkeley fala de outras declarações religiosas que estão “em conformidade com minha doutrina da certeza”. E na anotação 800, Berkeley diz:

Malebranche, em seu *Esclarecimento*, difere amplamente de mim. Ele duvida da existência dos corpos. Eu, de modo algum, duvido disso.

(*Ibid.*, 96)

Berkeley tampouco abandonou essa linha de pensamento nas obras publicadas. Considere estas passagens de *Três diálogos*:

Deixe-me ser apresentado como aquele que confia em seus sentidos, que pensa que conhece as coisas que vê e sente, e que não nutre dúvidas sobre sua existência.

(*Works*, vol. 2, 237)

Afirmo, por conseguinte, que estou tão certo de que existem corpos ou substâncias materiais (querendo dizer as coisas que percebo por meio de meus sentidos).

(*Ibid.*, 238)

Eu poderia tanto duvidar da minha própria existência como da existência daquelas coisas as quais eu realmente vejo e sinto.

(*Ibid.*, p. 230)

Se lermos a primeira e a terceira dessas passagens à luz da segunda, então Berkeley está do começo ao fim falando de certo conhecimento dos corpos. De maneira mais geral, nesta parte dos *Três diálogos* ele se esforça para contrastar sua posição com a de Hylas, presumivelmente representando Locke e talvez outros, para quem (à luz de Berkeley, pelo menos) a dúvida é perfeitamente apropriada vis-à-vis a existência e natureza dos corpos.

Quando se leem essas passagens à luz da referência a “minha doutrina da certeza” dos *Cadernos*, temos um conceito diferente de certeza que emerge, e um conjunto diferente de coisas, além das ideias, para as quais este segundo conceito de certeza se aplica. Podemos expressar este conceito mais fraco de certeza como a completa [263] ausência de dúvida vis-à-vis alguma proposição. Munido com este conceito de certeza, Berkeley teria bons motivos para sustentar, como vimos que o faz, que temos certo conhecimento dos corpos e, na verdade, de muito mais. Estes estão entre as entidades às quais Berkeley aplica esse conceito mais fraco de certeza, e é a esse conceito mais fraco, eu acho, que ele está aludindo quando fala de “minha doutrina da certeza”.

Se Berkeley está falando de certo conhecimento dos corpos e usando este conceito fraco de certeza, segundo o qual temos certeza de que p apenas no caso de acreditarmos que p e não termos dúvidas em relação a p , então ele estaria em terreno muito mais seguro. Ou seja, seria bastante plausível para ele sustentar, como vimos que o faz, que em sua filosofia temos certo conhecimento dos corpos. Nesse sentido, ele poderia ser entendido como tendo refutado a forma de ceticismo inicialmente dada por (4). Por outro lado, se isso é o que Berkeley quer dizer com certo conhecimento dos corpos, então ele obteve uma refutação dessa forma de ceticismo a um preço, já que esse tipo de certeza nas próprias crenças sobre os corpos é perfeitamente consistente com o realismo indireto sobre a percepção e com a versão realista-representativa do realismo indireto que Berkeley atribui a Locke. Nesse caso, Berkeley não estaria em posição de afirmar que a teoria da percepção de Locke leva ao ceticismo do tipo formulado em (4). Ou seja, o ceticismo do tipo que se encontra em (4) não seria algo a que alguém seria conduzido pelos princípios comuns dos filósofos identificados por Berkeley.